



## **NOS PERSONAGENS, A MEMÓRIA: A BIBLIOFILIA NAS AVENTURAS DE CLIFFORD JANEWAY**

MELO, Kelly Castelo Branco da Silva

*Estudante de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Memória Social*  
kelly\_castelo@hotmail.com

RIBEIRO, Leila Beatriz

*Professora do Programa de Pós-Graduação em Memória Social*  
leilabriereiro@ig.com.br

31

### **RESUMO**

O presente artigo é resultado parcial de pesquisa de dissertação de mestrado e toma como campo os romances da série policial escrita por John Dunning – a saber: *Edições perigosas*, *Impressões e provas*, *A promessa do livreiro*, *Assinaturas e assassinatos* e *O último caso da colecionadora de livros* – que trazem as aventuras de um detetive bibliófilo que resolve deixar a polícia para se tornar livreiro. Mas na medida em que crimes ligados à obsessão bibliófila vão acontecendo, ele se vê obrigado a acionar a vida que deixou para trás para solucioná-los. Através da leitura analítica desses romances, este estudo pretende analisá-los sob a perspectiva dos personagens; visando identificar, recortar e descrever categorias específicas de personagens; entender que aspectos do universo colecionista estão nelas representados; observar de que forma se relacionam umas com as outras; para assim traçar a rede de sujeitos desse universo e compreender o que ela tem a nos dizer sobre ele.

**Palavras-chave:** Bibliofilia. Memória. Romance policial.

### **ABSTRACT**

This paper is the partial result of studies undertaken due to the elaboration of a Master's degree dissertation. It takes as field the crime fiction novels from the series written by John Dunning – namely: *Booked to die*, *The bookman's wake*, *The bookman's promise*, *The sign of the book* and *The bookwoman's last fling* – that tell the story of a bibliophile detective, who decides to leave the force to become a bookman. But as crimes happen motivated by bibliophilistic obsessions he sees himself forced back to his old life as he tries to solve them. Through the analytical reading of these novels, this study aims to analyze them from the perspective of characters. In order to do that, it identifies and describes specific categories of characters; it understands what aspects of the collecting universe are represented in them; it observes in which ways they relate to each other; tracing the network of subjects in this universe, so as to understand what it has to say about it.

**Key-words:** Bibliophilia. Memory. Crime fiction.



## INTRODUÇÃO

Coleções e seres-humanos são companheiros de longa data. Desde o aparecimento dos *semióforos* – objetos destituídos de funcionalidade prática, responsáveis pelo intercâmbio entre o visível e o invisível – no Paleolítico superior (POMIAN, 1984, p. 71), elas nos acompanham, assumindo diferentes formas e funções – devido à sua “relevância trans-histórica” (MARSHALL, 2005, p. 14) –, não só como grupos de objetos (materiais ou imateriais, manifestação mais comum), mas também como fala – “a fala é coleção” (MARSHAL, 2005, p. 15): coleção de sons, de palavras... – e como modos de pensar – *coleccionamento* é, por exemplo, categoria de pensamento apontada por Gonçalves (2003).

Muito embora as coleções, portanto, sejam fenômenos trans-históricos (MARSHALL, 2005) e “instituições universalmente difundidas” (POMIAN, 1984, p. 68) – ou melhor, universalmente praticadas –, pode-se falar do colecionismo – prática socialmente instituída do colecionar ou, como coloca Susan Pearce, do “coleccionar como atividade autoconsciente<sup>1</sup>” (2013, p. 4, tradução nossa) – como um fenômeno moderno, já que é com o advento da modernidade que tal atividade de fato prospera; momento a partir do qual o ato de colecionar se apodera paulatinamente de determinados indivíduos, ao darem-se conta, por exemplo, da importância valorativa de determinados objetos selecionados e acumulados (PEARCE, 2007); já que o sujeito moderno é aquele que, desprovido de uma justificativa existencial divina, vê-se sujeito da ação de dar sentido a própria vida; sentido esse que passa por aquilo que ele é capaz de armazenar, de possuir.

Philip Blom (2003), discorrendo tanto sobre a autoridade do colecionador como acerca da importância dos objetos colecionados, argumenta que o caráter transcendental da posse é um dos elementos de valoração de tais itens. Da autoridade à seleção, de forma objetiva ou subjetiva, objetos ao perderem seu valor de uso, retirados de suas “relações funcionais” (BENJAMIN, 2006, p.241) podem transmutar-se em relíquias ou semióforos, ou como propõe Blom: “Todo item colecionado é, em certa medida, um totem” (2003, p.193), já que serve de ponte ao invisível. Interessante ainda é o argumento de Henri-Pierre Jeudy ao discorrer sobre o objeto e seu movimento de patrimonialização:

<sup>1</sup> Do original em inglês: “*collecting itself as a self-conscious activity*”.



Ora, a história de sua “valorização” é a história de qualquer coisa, porque une magicamente os relatos da vida psíquica mais individual ao movimento projetivo do sincretismo simbólico. O valor é o dizer do objeto devolvido como um espelho ao indivíduo e à coletividade. (1990, p. 65)

Com as grandes revoluções liberais e a instauração da produção em massa de bens de consumo – onde as próprias coleções tornam-se bens potencialmente consumíveis, fato visto com estranhamento por Benjamin, que parece propor uma categorização do tipo colecionador quando fala daqueles que seguem “as diferentes modas que dominam a arte de colecionar no século XIX” (2006, p. 240) em oposição ao colecionador verdadeiro (2006, p. 241) ou autêntico (1995, p. 227), aquele cuja relação com o colecionar é essencialmente afetiva e independente dos ditames do mercado – a cultura material passa exponencialmente a fundamentar todas as esferas da experiência humana. Assim, o desvendar das relações entre homens e objetos acaba por ocupar um espaço cada vez mais importante em nossa compreensão de mundo, do *ser* humano e do *ser* humano no mundo, afinal, “nossa relação com o mundo material das coisas é crucial para nossas vidas, porque sem elas nossas vidas não poderiam acontecer<sup>2</sup>” (PEARCE, 2013, p. 3, tradução nossa). Uma vez que “coleccionar é um aspecto fundamentalmente significativo desse complexo e fascinante relacionamento<sup>3</sup>” (PEARCE, 2013, p. 3, tradução nossa) entre os indivíduos e suas coisas, é para ele que aqui nos voltamos.

O presente trabalho é parte de uma pesquisa de dissertação de mestrado, inserida em um projeto de pesquisa que entende as coleções como narrativas e representações de memória. Narrativas porque, resgatando a profunda relação estabelecida por Marshall (2005) entre *coleccionar* e *narrar*, propomos que *coleccionar é narrar com objetos* e que, portanto, as coleções – como a dança para Isadora Duncan<sup>4</sup> – em si mesmas, nos dizem algo, trazem em si uma mensagem, que é do colecionador, mas que, por se materializar nos objetos, funde-se a outras mensagens: às mensagens por eles trazidas. E representações de memória – memória,

<sup>2</sup> Do original em inglês: “*our relationship with the material world of things is crucial to our lives because without them our lives could not happen*”.

<sup>3</sup> Do original em inglês: “*collecting is a fundamentally significant aspect of this complex and fascinating relationship*”.

<sup>4</sup> O antropólogo Gregory Bateson menciona em alguns de seus textos (por exemplo, em: *Style, grace and information in primitive art*, e em *Form, substance and difference*; ambos textos do livro *Steps to an ecology of mind*, de 1972) que, quando questionada sobre o que queria dizer com sua dança, a bailarina norte-americana Isadora Duncan respondia que, se soubesse dizer, não precisaria dançar, de forma que, sua própria dança, em si, já dizia algo.



segundo a concepção que privilegiamos, um conceito plástico, complexo, em constante construção, por dizer respeito a algo mutável, inconstante (GONDAR, 2011) – porque “trazem em si valores atribuídos por seus colecionadores” que “podem ser estendidos e atrelados às construções coletivas retomando a lembranças de todo um grupo social, e refletindo os valores das sociedades do período” (RIBEIRO, 2010, p. 6-7), permitindo aos homens existirem apesar de si mesmos; possibilitando a preservação da memória – que é a do colecionador, mas também de outros – através da objetificação – que sobrevive à finitude do homem, à vida do homem –; comunicando algo sobre os colecionadores mesmo quando eles não mais estão presentes, funcionando como meio através do qual o colecionador se transmite adiante.

A dissertação se debruça sobre a temática da bibliofilia, tomando como campo os romances que compõe a série policial do Detetive Clifford Janeway, escrita pelo norte-americano John Dunning – série essa composta por cinco títulos, a saber: *Edições perigosas* (1994)<sup>5</sup>, *Impressões e provas* (1996)<sup>6</sup>, *A promessa do livreiro* (2005)<sup>7</sup>, *Assinaturas e assassinatos* (2008)<sup>8</sup>, e *O último caso da colecionadora de livros* (2009)<sup>9</sup> – e nesses livros, percebe o representar mnemônico de um grupo – dessa “tribo” tão plena de características e costumes próprios que são os bibliófilos – uma vez que os entende como uma coleção: a coleção do bibliófilo livreiro John Dunning – que, através da ficção policial, representa sua vivência de bibliofilia –; coleção essa composta pelos mais diversos objetos: livros, experiências, ideias, personagens...

Para este artigo, detemo-nos no item “personagens”, encarando-os como objetos de coleção – portanto, aquilo que o colecionador dá a ver de si e de seu mundo, aquilo por meio do qual ele mostra e, mostrando, se revela; visto que entendemos que representamos “como maneira de nos tornarmos visíveis e ter o outro como visível” (COSTA LIMA, 1981, p. 222) – e propomos, através da leitura analítica dos romances, identificar, recortar e descrever

<sup>5</sup> Título original em inglês: *Booked to die*, publicado nos EUA em 1992. A edição brasileira aqui utilizada é a de 2007.

<sup>6</sup> Título original em inglês: *The bookman's wake*, publicado nos EUA em 1995. A edição brasileira aqui utilizada é a de 1996.

<sup>7</sup> Título original em inglês: *The bookman's promise*, publicado nos EUA em 2004. A edição brasileira aqui utilizada é a de 2006.

<sup>8</sup> Título original em inglês: *The sign of the book*, publicado nos EUA em 2005. A edição brasileira aqui utilizada é a de 2008.

<sup>9</sup> Título original em inglês: *The bookwoman's last fling*, publicado nos EUA em 2006. A edição brasileira aqui utilizada é a de 2009.



categorias específicas de personagens; entender que aspectos do universo colecionista estão nelas representados; e observar de que forma se chocam, cruzam, se misturam, ou seja, se relacionam umas com as outras, para assim traçarmos a rede dos sujeitos desse universo, cuja representação acaba por desenhá-lo: “produto mimético”, “a ilustração seja da sociedade condicionante, seja da individualidade criadora” (COSTA LIMA, 1981, p. 218).

### **AS BIBLIODESVENTURAS DE UM BIBLIODETETIVE**

Clifford Liberty Janeway, trinta e seis anos, é um policial que ama e coleciona livros e que encontra em sua coleção um refúgio para sua estressante rotina. Sua profissão e seu hobby seguem em paralelo, até que o assassinato de um alfarrabista leva esses dois lados de sua vida a se chocarem. Inconformado com as falhas do sistema judiciário e insatisfeito com a carreira de detetive, Janeway resolve deixar a polícia e concretizar um sonho antigo: abrir uma livraria especializada em livros usados e raros. Mas o aparentemente idílico e pacato mundo dos livros logo se revela um campo de trapaças, disputas, roubos e assassinatos, e nem de longe tão pacífico quanto se poderia imaginar. Tem início uma conturbada jornada na qual, a cada romance da série, Janeway é levado a acionar a vida que ele pensava ter deixado para trás, para resolver homicídios ligados à obsessão bibliófila, ao mesmo tempo em que lida com o dia a dia da administração de sua livraria, a *Twice Told Books*. Entremeando informações bibliográficas e bibliológicas com narrativa policial, John Dunning transporta seus leitores a um universo dos livros romanceado, mas não tão ficcional assim.

Cada título da série, que tem Clifford Janeway como narrador-personagem – e, de certa forma, o duplo de Dunning, a outra imagem dele mesmo, uma vez que o autor também é bibliófilo e livreiro de Denver – aborda um critério colecionista específico – trata de um tipo específico de livro ou de uma característica específica que faz do livro que a detém objeto colecionável – evidenciando um aspecto característico desse tipo de colecionismo: “muitos bibliófilos se especializam em temas ou autores específicos e concentram num campo mais limitado suas garimpagens” (MINDLIN, 2009, p. 50), pois ser bibliófilo além de colecionar livros é colecioná-los com critério, e não indiscriminadamente. Os que “acumulam”, os “glutões de livros” (FRIEIRO, 1999, p. 27) são diferenciados, caracterizados pelo grupo como



bibliômanos, que, em oposição aos “bibliófilos verdadeiros” (FRIEIRO, 1999, p. 27; MORAES, 2005, p. 27) preferem quantidade à qualidade.

Bonnet (2013), utilizando-se da categoria *bibliomania* assinala a existência dos colecionadores e dos leitores obstinados e diferencia-os ainda em dois subgêneros: os especialistas e os “acumuladores”. Aponta que os primeiros (os que nos interessam aqui, onde se localizam os bibliófilos) podem deter-se em colecionar por autor; época ou gênero; tipo de encadernação; raridade; erros tipográficos etc.

Colecionar é uma arte. Como toda arte, é preciso que esteja combinada com conhecimento, com o *métier*, para se tornar uma verdadeira criação [...]. É preciso escolher com muito critério qual o gênero de livro que se quer colecionar [...]. O senso da medida é indispensável. Saber restringir o objetivo de uma coleção é a única possibilidade que se tem de formar uma verdadeira biblioteca particular e não um bricabraque de livros (MORAES, 2005, p. 20).

São esses critérios de escolha que determinam o tipo de coleção que um bibliófilo constrói e, como em espelho, esses mesmos critérios determinam a trama que Dunning constrói em cada um de seus livros – cada um deles, de certa forma, uma coleção bibliófila em si mesmo –: em *Edições Perigosas*, a história gira em torno de primeiras edições; em *Impressões e Provas*, de edições produzidas por uma tipografia específica, a tipografia Grayson; em *A promessa do livreiro*, de exemplares das primeiras e raríssimas edições dos livros do autor Richard Burton, enviados e dedicados por este a um amigo; em *Assinaturas e assassinatos*, a trama se desenrola em torno de livros cujo valor é conferido pelas assinaturas que carregam; e em *O último caso da colecionadora de livros*, de primeiras edições de raros livros infantis. Mas a característica desejável, a categoria do objeto colecionável (o livro), molda não apenas as coleções a respeito das quais os romances discorrem, mas também os sujeitos, os agentes: os personagens. Molda seus perfis, seus desejos.

Os autores são apenas personagens fictícios com alguns fatos biográficos confirmados, nunca suficientes para torná-los seres verdadeiramente reais. Enquanto a biografia de um personagem literário, mesmo se incompleta – e confessando-se assim – é perfeitamente confiável: ela é aquilo que seu criador decidiu (BONNET, 2013, p.103).



Assim, fazendo uso de artifícios metodológicos e analíticos selecionamos, a partir do recorte efetuado nas obras analisadas, as seguintes categorias: bibliófilos, livreiros, alfarrabistas, tipógrafos (impressores) e bibliógrafos. Da mesma forma, a trama policialesca por vezes apresenta alguns desses personagens exercendo outros papéis tais como: ladrões, assassinos e falsificadores, que foram aqui enquadrados ao universo analítico como subcategorias.

### **NOS BIBLIOPERSONAGENS, O BIBLIOUNIVERSO**

Sendo derivação do substantivo *bibliofilia* – palavra composta pelos termos gregos *βιβλίον* (transliteração para o latim: *biblion*) – livro – e *φιλία* (transliteração para o latim: *philia*) – amor – se definido pela etimologia do termo que o designa, bibliófilo é aquele que tem amor pelos livros. Porém, como “o pospositivo *-filia*, quando utilizado com objetos, está invariavelmente ligado ao colecionismo” (REIFSCHNEIDER, 2010, p. [87]), *bibliófilo* é, portanto, o nome dado ao colecionador de livros ou ao “coleccionador de documentos e antigos ou raros” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 46) – ao “coleccionador autêntico”, ou seja, àquele acometido pela “febre do livro”, àquele que quando “vê um livro, quer ficar com ele, faz qualquer coisa para segurá-lo” (DUNNING, 2007, p. 50).

O bibliófilo guarda avaramente o seu tesouro de papel impresso. A biblioteca é o serralho em que este sultão conserva cativas as belas edições. Dali não sai nenhuma peça, nem dada nem muito menos emprestada [...]. [O bibliófilo] contempla embevecido o exemplar belamente impresso [...] mas o *gozo* não está só nos olhos; está no tato também. Os que amam apaixonadamente o livro gostam de o tocar, palpar, folhear, com deleitação não isenta de verdadeiro sensualismo. E o *gozo* está igualmente no olfato: o cheiro específico da obra impressa é-lhes tão capitoso quanto o *odor difemina* para os erotomaníacos. O autêntico bibliófilo tem algo do *Homo eroticus* (FRIEIRO, 1999, p. 27, grifo do autor).

A presença do erotismo na relação bibliófilo-livros se faz presente em diversos momentos na narrativa de Dunning: em uma das conversas entre Janeway e o livreiro e amigo Ruby Seals: “É sempre assim quando lidamos com os livros [...] uma hora passa num minuto, não se percebe a passagem do tempo. É como fazer amor com uma mulher... a atividade mais hipnótica a que um homem pode se dedicar” (2007, p. 166); quando Janeway mostra suas



primeiras edições a uma namorada (também amante de livros): “mostrei-lhe meus Faulkners, um deles autografado, e percebi seu arrepio de prazer, beirando o sensual, ao tocar o papel assinado por ele” (2007, p. 18); quando, ao descrever o tio, bibliófilo, uma das personagens afirma: “alguns gostam de sexo [...] Stan gostava de livros” (2007, p. 119); quando um conhecido de Janeway descreve o interesse de um bibliófilo pelas obras de um impressor específico: “ele observou a mania crescer, como o pé de feijão de João, e explodir numa paixão quase sexual” (1996, p. 354); ou ainda quando Janeway diz: “às vezes é preciso apenas tocar um livro, ou olhar para o rosto de uma mulher, para fazer o coração de um homem disparar novamente” (2006, p. 27); entre outros fragmentos.

Isso reforça a ideia dos bibliófilos como seres apaixonados, passionais, criação de seu desejo – e se “o homem é uma criação do desejo, não uma criação da necessidade” (FREUD apud MOLES, 1981, p. 137), eles o são especialmente – indivíduos forjados por suas coleções e por elas aproximados, tornados grupo; seres que compartilham da “febre”, “febre inocente e deliciosa<sup>10</sup>” (NODIER, 1841, p. [5], tradução nossa), “loucura mansa” (MINDLIN, 1997), arroubo ao qual o bibliófilo se entrega, paixão capaz de levar a extremos. Afinal, como colocou Umberto Eco, “por amor a um belo livro, a gente [os bibliófilos] se dispõe a qualquer baixaza” (ECO, 2010, p. 55).

O amor pelos livros só deve ser apreciado em dois casos: 1<sup>o</sup> – quando sabemos estimar os livros pelo que eles valem, quando os lemos em filosofia, para aproveitar do que neles pode haver de valor e rir do que eles contêm de ruim; 2<sup>o</sup> – quando possuímos os livros tanto para nós quanto para os outros e quando os compartilhamos com prazer e sem reservas (D’ALEMBERT, 1752 apud SILVEIRA; RIBAS, 2004, p. 22).

“O mundo dos bibliófilos é de grande interesse”, declara Mindlin. “O amor aos livros aproxima as pessoas e forma sólidas amizades, o que não impede, no entanto, rivalidades também sólidas” (2009, p. 59). Tal assunto também é abordado por Janeway quando esse diz:

Algumas das pessoas mais inteligentes do mundo não entendem – não têm a menor ideia sobre a intriga que pode estar escondida na linhagem de um livro, ou o drama que pode surgir entre duas pessoas quando um livro realmente raro se coloca entre elas. Citei Rosenbach – A emoção de derrotar um homem em

<sup>10</sup> Do original em inglês: “*The innocent and delightful fever of the bibliophile*”.





um ringue não é nada comparada à emoção de derrotá-lo por um livro (DUNNING, 2006, p. 81).

Tal colocação faz lembrar uma passagem em *O bibliófilo Aprendiz* (2005), onde Moraes discorre sobre um colecionador – “o maníaco” (2005, p. 41) – que possuía “um livro extremamente raro” (2005, p. 38) que Moraes procurava há anos. Ao recusar-se a vender-lhe o livro, Moraes frustrado exclamou: “Pois hei de comprar o seu livro!” A que o homem respondeu: “Como, se eu não o vendo por dinheiro algum?” E Moraes: “Não faz mal, espero. Comprarei de sua viúva” (2005, p. 41).

No entanto, pondera Mindlin, “o mundo da bibliofilia [...] é uma fauna em que geralmente existe respeito mútuo, e os conflitos se resolvem de forma civilizada e cortês” (2009, p. 59); o que se confirma na seguinte afirmação de Janeway: “Não é de admirar que o ramo dos livros seja um lugar quente e fértil para pessoas desprezíveis; o surpreendente é como, na verdade, não se encontram muitas delas” (DUNNING, 2006, p. 66).

Apesar disso, em se tratando de literatura policial, são as baixezas as quais os bibliófilos se dispõem, a força a movimentar a série policial de Dunning. É pela “febre” que se caça, engana, rouba, mata; mas afinado com o entendimento de Baudrillard (2012), por exemplo, da coleção como “sistema marginal” e do colecionador, por conseguinte, como um ente que opera na marginalidade – tanto no sentido de infringir leis e regras sociais, como no sentido de estar à margem. Nos livros, muito embora o colecionismo de livros (bibliofilia) constitua a temática central, essa centralidade permanece obscura, ao fundo, emergindo apenas ao final, que é quando se chega àquilo que desencadeia a série de acontecimentos: o bibliófilo, ou ainda, o grande personagem – muito embora habitante periférico – a coleção bibliófila.

“A palavra alfarrábio origina-se do antropônimo árabe Al-Farabi, filósofo que viveu em Bagdá no século IX” (CÂMARA, 2009, p. [1]), e significa “livro usado ou velho” (AULETE, 2008; CÂMARA, 2009). Alfarrabista portanto é aquele que lida com alfarrábios, mas o termo normalmente é usado para designar aquele que negocia com alfarrábios (AULETE, 2008 ; CÂMARA, 2009).

Nos livros de Dunning, no entanto, alfarrabista é a palavra escolhida como tradução para *bookscout* (DUNNING, 2000) – o que seria, em uma tradução mais literal, *olheiro de livros* – um tipo particular de negociante de livros: “um caçador de livros raros” (DUNNING,



2007, p. 25); “elemento inadequado ao mundo real” que “guarda tudo no porta-malas do carro, caso tenha a sorte de possuir um, ou numa mochila pendurada na bicicleta. É um marginal, um batalhador, ou uma personalidade incompatível com qualquer outro ramo” que “pode ser quieto e humilde, ou agressivo e intimidador. Há alguns renegados e, claro, um ou outro psicótico”, mas “a única coisa que os melhores possuem em comum é o faro para livros”. São “sujeitos, em geral sem instrução” que “conseguem gravitar em torno dos livros e inevitavelmente escolher os melhores”. Pessoas que “vivem da esperança de achar O Grande Livro Raro” (DUNNING, 2007, p. 9-10); esperança essa que também se encontra presente em todas as demais categorias.

Responsáveis pela impressão e encadernação dos livros, os tipógrafos representam uma classe de profissionais do livro hoje totalmente transformada, cuja atividade é, na atualidade, desenvolvida quase que totalmente pelas gráficas. O tipógrafo é um “profissional da velha-guarda, do tempo em que o impressor também era um artista gráfico que cuidava pessoalmente de tudo em sua oficina” (DUNNING, 1996, p. 36). Em concordância com essa assertiva, destacamos um verbete acerca da técnica e arte tipográfica: “Conjunto de procedimentos artísticos e técnicos que abrange as diversas etapas da produção gráfica desde a criação dos caracteres até a impressão e acabamento” (HOUAISS apud CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 364). Estando tal ofício muito mais próximo da arte e do artesanato do que da produção industrial, ele hoje se encontra quase extinto, ou, como coloca Janeway: “Não adianta mais procurar gente assim, pois sua arte foi finalmente extinta pelo maldito computador” (DUNNING, 1996, p. 36).

Por serem reconhecidos como artistas, o produto do trabalho de um tipógrafo específico – livro – pode ganhar status de objeto de arte e, portanto, ascender na escala do desejo como objeto colecionável. O selo de suas tipografias/casas impressoras, portanto, passa a elencar a lista dos critérios de escolha e características desejáveis colecionistas.

Um bibliógrafo é aquele que se ocupa de elaborar bibliografias; sendo estas o “estudo e classificação de livros e documentos impressos de acordo com determinados critérios, que servem de eixo para seu agrupamento (por cronologia, por disciplina ou tema etc.)” (AULETE, 2008).

Bibliografias não são leitura de banheiro, não se prestam à leitura ocasional [...] as melhores são escritas por pessoas com o demônio no corpo. Exatidão e detalhamento andam de mãos dadas, e o bibliógrafo é escravo deles. Uma bibliografia revela se um livro contém mapas e ilustrações, e as páginas onde



estes se encontram. Descreve a encadernação, contém frequentemente fotos do livro e da página de rosto, e até, em determinadas ocasiões – quando isso é relevante –, fornece a contagem das páginas de cada caderno, para que se saiba onde caem as costuras. Se um impressor comete um erro infinitesimal [...] torna-se obrigação do bibliógrafo mostrar isso [...]. O bibliógrafo pesquisa incansavelmente (DUNNING, 1996, p. 33-34).

Uma, entre tantas, das definições de bibliografia propostas por Malclès merece destaque:

41

Ramo da bibliologia – ou ciência do livro – que consiste na pesquisa de textos impressos ou multigrafados para indicá-los, descrevê-los e classificá-los com a finalidade de estabelecer instrumentos (de busca) e organizar serviços apropriados a facilitar o trabalho intelectual. Quatro operações se destacam em uma ordem lógica: pesquisa, indicação, descrição e classificação; elas dão origem ao repertório bibliográfico ou bibliografia. O mesmo termo designa a preparação e o objeto resultante (MALCLÈS apud CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p.46).

As bibliografias são, portanto, obras de referência. E como se a natureza da obra espelhasse o papel do seu autor como personagem na trama, os bibliógrafos aparecem, na série de Dunning, com o mesmo propósito de seus livros: são fontes de referência.

Os livreiros são personagens de destaque nos livros, uma vez que o narrador-personagem é livreiro (e também o é John Dunning). Ao redor deles todas as tramas se desenrolam e para eles convergem, já que são os grandes provedores. É em seus espaços – as livrarias –, principalmente, que acontece a circulação não apenas de livros, mas também do conhecimento sobre eles. Isso se evidencia, por exemplo, na fala de Janeway quando este declara: “Aprendi muito do que sei observando Ruby trabalhar” (DUNNING, 2007, p. 43) – Ruby, um livreiro – ou quando este afirma sobre os alfarrabistas: “É assim que aprendem, sabe?... Olham os livros, verificam os preços. Nenhum deles usa material de referência, é muito caro, e se atualizam nas livrarias” (2007, p. 55). O que também se confirma na fala de Moraes quando ele diz: “um bom livreiro é o melhor guia que pode ter um colecionador” (2005, p. 32).

Livreiro (*book dealer, book vendor, bookseller*; de livros usados: *second-hand book dealer, secondhand book dealer, used book dealer*) é o nome dado aos negociantes de livros, os intermediários entre os livros – ou aqueles que os querem vender, como os editores e alfarrabistas – e aqueles que os querem comprar.



São como as outras pessoas: de todos os tipos e formatos, e enfrentam os mesmos problemas que o pessoal da delegacia ou da linha de montagem. Se estiverem pensando num acadêmico franzino com óculos grossos, esqueçam. Assim que entram no ramo, não têm mais tempo para ler muito. São em geral um pouco mais cultos do que a média. Jamais conheci um livreiro idiota que tenha se dado bem. Alguns, contudo, são positivamente malucos. Há os bunda-moles, os espíritos de porco, mas um livreiro pode até ser ex-hippie, ex-bêbado, ex-drogado e ex-valentão, como Ruby Seals (DUNNING, 2007, p. 43).

Assim como o existe para os colecionadores, parece haver uma distinção entre livreiros – quaisquer – e os “bons livreiros” – o equivalente aos “coleccionadores autênticos”: aqueles que conhecem os livros; que tendem a especializar-se; assim como um “bom bibliófilo”; especialização que fica clara principalmente no primeiro romance da série quando Janeway descreve o Beco dos Livros (local que frequenta como colecionador e que escolhe como o lugar onde se estabelecer como livreiro), identificando cada um dos livreiros pelo tipo de livros que negociam (para cada colecionador, seu livreiro) – e, principalmente, que têm amor pelos livros – “Os bons livreiros em geral não gostam de vender os melhores livros a qualquer um, preferem que os livros porem nas mãos de amantes de livros que considerem autênticos e conhecedores” (MINDLIN, 2009, p.53). Nesse aspecto, a sua descrição quase se iguala à dos colecionadores – “livros são como drogas”, diz Ruby (2007, p. 156) – e, seja negociante ou colecionador, ambos os sujeitos – assim como todas as demais categorias aqui apontadas desse universo – se igualam na macrocategoria *bookman*<sup>11</sup>, recorrente nos originais em inglês, mas não nas edições brasileiras por questões características da língua.

### **Ladrões, falsificadores e assassinos**

Essas subcategorias – manifestas através das demais – são as responsáveis por moldar a narrativa no gênero policial e também por ressaltar características desse universo que não ficariam tão claras sem elas. Em nenhuma outra categoria de personagens – muito embora algumas tratem de negociantes e profissionais do livro – é tão evidente a face mercadológica da bibliofilia como na criminosa. É o espaço onde o fascínio pela mercadoria livro – que se mostra afeto, paixão, reverência nas categorias anteriores – se revela abertamente fetiche; fetiche esse que mobiliza o consumo e aqueles que nele vêem uma oportunidade de ganho – seja econômico

---

<sup>11</sup> Homem de livros.



ou de outra natureza – de maneira tão intensa a ponto de levar a práticas antiéticas ou conduzir ao homicídio.

Sempre houve alguns escroques no ramo de livros. Como disse um velho livreiro, existe uma maça podre em todas as cidades. Às vezes é um vigarista óbvio, cheio de charme. Pode ser o ladrão frio que sai despreocupadamente de uma livraria com uma coleção de dez volumes de Conan Doyle enfiada em cada centímetro da calça, do paletó e da camisa, com o exemplar autografado metido em alguma cavidade corporal úmida, e imediatamente encontra um outro livreiro ansioso para prender a respiração e comprar tudo, cinquenta por cento mais caro, sem fazer perguntas. É também o livreiro rival que sabe conhecer um livro importante quando o vê. Tem mais caras do que Lon Chaney em suas melhores atuações. É o sujeito de boa aparência que coloca sobrecapas em edições sem valor [...] e as vende para o colecionador ingênuo como se fossem primeiras edições [...]. Ele pode ter qualquer tipo de personalidade, mas aquele brilho em seu caráter faz com que fique trabalhando para sempre no lado sombrio da rua [...]. À medida que fui crescendo no ramo, aprendi como tudo era cinzento [...]. O que *precisa* ser pago como valor mínimo para mantê-lo um ponto acima da fraude? [...] Não gostamos de admitir, mas todos temos um pouco de embusteiro. O grau de desonestidade varia demais e nossa própria generosidade pode igualmente variar muito (DUNNING, 2006, p. 65-66, grifo do autor).

É um tanto paradoxal que uma atividade subversora do sistema, como a coleção – que retira o objeto do circuito mercadológico e lhe confere outros usos e significados –, sustente – e se sustente de – um mercado próprio. Mercado esse que – no caso, o dos livros raros e antigos, nos romances representados – por não dispor de regras pré-estabelecidas para os valores de troca; por se sustentar em dinâmicas sujeitas às variações constantes do binômio oferta-procura; e por se apoiar em produtos muitos dos quais já se encontram fora dos circuitos de produção, torna-se um espaço regido pelo fetichismo – “Poderia encontrar prazer no que já tem”, disse Janeway sobre o colecionador. “Ele sorriu, amargurado. ‘Você sabe que não é por aí. A emoção está na caçada’” (DUNNING, 1996, p. 342); “os olhos de Scofield [coleccionador] se acenderam. Era isso que o mantinha vivo, que o levava à sétima década. A caçada, a busca, a mesma cobiça que levava Cortez a atravessar a selva tropical para pilhar os astecas” (DUNNING, 1996, p. 351) – e propício para relações pouco escrupulosas – “tomo dos burros e vendo aos espertos”, diz a alfarrabista Eleanor a Janeway (DUNNING 1996, p. 60); “aquela coleção foi reunida por meu avô há mais de cem anos [...]. Disseram-lhe que os livros não valiam nada, que eram apenas lixo. Isso não é desonestidade?” (DUNNING, 2006, p. 60).



A graça dos artigos de consumo incessantemente produzidos tem seu lado negativo, é claro. A disponibilidade adquirida anda de mãos dadas com a perda de autenticidade, e a fome do verdadeiro, do único e do raro torna-se ainda mais forte. Colecionadores procuram edições limitadas, raros erros de impressão, primeiras edições, e objetos com defeitos interessantes justamente porque eles restabelecem sua singularidade, enquanto outros dão às costas para o mercado de produção em massa, e colecionam coisas que não são e não podem ser produzidas em massa: antiguidades e velhos pintores, conchas, borboletas. Nada, com efeito, é mais importante do que recuperar essa autenticidade, e por causa dessa fome do original sempre haverá um mercado fornecendo falsificações, coisas feitas para parecer aquilo que não são (embora elas também sejam, conseqüentemente, colecionadas). O colecionador e o fraudador vivem em incômoda proximidade (BLOM, 2003, p.193).

Umberto Eco (2013), no entanto, ao tratar da falsificação na Idade Média além de discorrer acerca da complexidade do conceito de falso e seus análogos utilizados na contemporaneidade (falsificação, falsa atribuição, falso diplomático, contrafação, alteração, fac-símile etc.) propõe que, além de revermos nossos próprios conceitos, devemos responder a algumas perguntas feitas a essa época: Será que na Idade Média se sabia que eram feitas falsificações? Eles possuíam tal conceito? E no caso positivo, será que era semelhante ao nosso? Após uma profunda apresentação de sua “semiótica da falsificação” onde o teórico esclarece acerca: dos diversos conceitos correlatos (duplos; pseudoduplos; falsa identificação); sobre a existência (e a dificuldade) de procedimentos de autenticação; sobre as três categorias de falsa identificação; verdade histórica, tradição e autoridade etc. o autor conclui que nessa época, ainda que houvesse falsificações, faltou a ela uma consciência disso e que: “As noções medievais de atribuição falsa e verdadeira e de manipulação de um texto não eram nossas” (ECO, 2013, p.237). E trazendo a discussão para a contemporaneidade, o autor acrescenta:

Assim nos damos conta de que os medievais falsificavam com o objetivo de ratificar a confiança em algo (um autor, uma instituição, uma corrente de pensamento, uma verdade teológica) e de sustentar uma ordem, ao passo que os contemporâneos falsificam com o objetivo de criar desconfiança e desordem. Nossa época filológica não pode mais permitir falsificações que se apresentem como verdades, porque sabe que logo serão descobertas; [...] Não é a falsificação isolada que mascara, esconde, confunde e, para fazer isso, tenta parecer “verdadeira”. É a quantidade de falsificações reconhecíveis



como tais que funciona como mascar, porque tende a tornar suspeita toda a verdade. (2013, p.238, grifo do autor)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um homem se propõe a tarefa de desenhar o mundo. Ao longo dos anos, povoa um espaço com imagens de províncias, de reinos, de montanhas, de baías, de naus, de ilhas, de peixes, de moradas, de instrumentos, de astros, de cavalos e de pessoas. Pouco antes de morrer, descobre que esse paciente labirinto de linhas traça a imagem de seu próprio rosto (BORGES apud MACIEL, 2010, p. [7]).

45

Jean Baudrillard em seu *O sistema marginal: a coleção*, afirma que, por ser aquilo que “melhor se deixa ‘personalizar’ [...], o objeto é, no seu sentido estrito, realmente um espelho [...]. É um espelho perfeito já que não emite imagens reais, mas aquelas desejadas” (2012, p. 97-98, grifo do autor). Se isso se aplica para objetos possuídos e, principalmente, colecionados, pode-se afirmar que essa relação-espelho é ainda mais pungente no objeto criado, o objeto obra – nesse caso, o livro (objeto criado) espelho do autor (criador). Segundo esse raciocínio, é possível pensar esses livros como os espelhos a constituir o refletor de um telescópio, compondo a imagem de uma parte do universo humano: nesse caso, o universo bibliófilo. Como o homem de Borges, selecionando imagens (representações visuais) para desenhar o mundo; aqui selecionamos os personagens (representações textuais) para cumprir a tarefa de desenhar esse universo para, ao fazê-lo, revelar, ao mesmo tempo, seu criador (autor) e seu mundo: o mundo colecionista.

## REFERÊNCIAS

AULETE, Caldas. iDicionário. [Rio de Janeiro]: Lexicon Editora Digital, [2008]. Disponível em: <<http://aulete.uol.com.br>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

BAUDRILLARD, Jean. *O Sistema dos objetos*. 5. ed. 1. reimpr. São Paulo: Perspectiva, 2012.

BENJAMIN, Walter. O colecionador. In: \_\_\_. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006. p. 238-246.



\_\_\_\_\_. Desempacotando minha biblioteca: um discurso sobre o colecionador. In: \_\_\_\_\_. *Obras escolhidas II: rua de mão única*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BLOM, Philip. *Ter e manter: uma história íntima de colecionadores e coleções*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BONNET, Jacques. *Fantasma na biblioteca: a arte de viver entre livros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CÂMARA, Bira. Alfarrábios e bibliofilia. *Jornal do bibliófilo: literatura e bibliofilia*. [S.l.], 26 abr. 2009. Disponível em: <<http://jornalivros.com.br/>>. Acesso em: 10 jul. 2014.

COSTA LIMA, Luiz. Representação social e mimesis. In: \_\_\_\_\_. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. *Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia*. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2008.

DUNNING, John. *Assinaturas e assassinatos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. *Booked to die: a mystery introducing Cliff Janeway*. Kindle ed. New York: Scribner, 2000.

\_\_\_\_\_. *Edições perigosas*. 2. ed. 1. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. *Impressões e provas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. *A promessa do livreiro*. 1. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. *O último caso da colecionadora de livros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ECO, Umberto. *Da árvore ao labirinto: estudos históricos sobre o signo e a interpretação*. Rio de Janeiro: Record, 2013.

\_\_\_\_\_. *A memória vegetal: e outros escritos sobre bibliofilia*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

FRIEIRO, Eduardo. *Os livros nossos amigos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999.

GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre memória Social. In: DODEBEI, Vera; GONDAR, Jô (Orgs.). *O que é memória social?*. 2. reimpr. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mario (Orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.





JEUDY, Henri-Pierre. O objeto rei. In: \_\_\_\_\_. *Memórias do social*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990. p. 64-74. (Coleção, Ensaio & Teoria).

MACIEL, Maria Esther. *As ironias da ordem: coleções, inventários e enciclopédias ficcionais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

MARSHALL, Francisco. Epistemologias históricas do colecionismo. *Episteme*, Porto Alegre, n. 20, p. 13-23, jan./jun. 2005. Disponível em: <[http://www.ilea.ufrgs.br/episteme/portal/pdf/numero20/episteme20\\_artigo\\_marshall.pdf](http://www.ilea.ufrgs.br/episteme/portal/pdf/numero20/episteme20_artigo_marshall.pdf)>. Acesso em: 01 out. 2011.

MINDLIN, José. *No mundo dos livros*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

\_\_\_\_\_. *Uma vida entre livros: reencontros com o tempo*. São Paulo: EDUSP, 1997.

MORAES, Rubens Borba de. *O bibliófilo aprendiz, ou, Prosa de um velho colecionador para ser lida por quem gosta de livros, mas pode também servir de pequeno guia aos que desejam formar uma coleção de obras raras antigas ou modernas*. 4. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

NODIER, Charles. *The book lover*. [S.l.: s.n.], 1841. Disponível em: <<http://myweb.dal.ca/barkerb/nodier/nod-a-e1.htm>>. Acesso em: 24 set. 2011.

PEARCE, Susan M. *On collecting: an investigation into collecting in the European tradition*. New York: Routledge, 2013.

\_\_\_\_\_. The urge to collect. In: \_\_\_\_\_. *Interpreting objects and collections*. London e New York: Routledge, 2007. p. 157-159.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: *Memória-História*. Enciclopédia Einaudi, v. 1. Ed. Portuguesa. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1984. v. 1, p. 51-86.

REIFSCHNEIDER, Oto Dias Becker. Bibliofilia e colecionismo, uma breve reflexão. *Scriptorium*, Fortaleza, n. 2, p. 87-94, 2010. Disponível em: <<http://perlocutorio.com/bibliofilia-e-colecionismo.php>>. Acesso em: 06 jan. 2014.

RIBEIRO, Leila Beatriz. Manias, trecos, objetos e coleção: memória, descarte e velhice nas narrativas quadrinísticas de Urbano, o aposentado. In: ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH-RIO, 19., 2010, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: NUMEN, 2010. Disponível em: <[http://www.memoriasocial.pro.br/linhas/professores\\_dados.php?id=19](http://www.memoriasocial.pro.br/linhas/professores_dados.php?id=19)>. Acesso em: 06 out. 2011.

SILVEIRA, Julio; RIBAS, Martha (orgs.). *A paixão pelos livros*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2004.